

# A cestinha de livros

Domingo Gonzalez Cruz\*

EU ACREDITO NO DESENVOLVIMENTO ORGÂNICO DAS BIBLIOTECAS INFANTIS. Ou seja: uma biblioteca infantil nasce, cresce, desenvolve-se e "não deve morrer". Quando afirmo que "não deve morrer", refiro-me a sua essência evolutiva e cíclica, incluindo os recursos humanos devidamente treinados para mantê-la ativa. Uma biblioteca infantil viva existe num estado cíclico de evolução constante, porque ela cresce com o desenvolvimento do seu usuário que, no decorrer de quase uma década, passa por diversas fases de comportamento, desde a primeira infância até a primeira adolescência.

Os bibliotecários e outros educadores envolvidos com as atividades da biblioteca percebem que ela apresenta essa constituição orgânica e que essas mutações chegam ou partem com o usuário. Por esta razão, a biblioteca infantil "não deve morrer". Sua estrutura celular é formada pelo convívio diário das crianças e dos adolescentes, descobrindo livros, obras de referência, Periódicos e participando das atividades de animação cultural. Nesse encontro diário desenvolve-se o trajeto afetivo, lúdico, cognitivo e existencial do leitor e do ser em formação.

Mas se a biblioteca infantil "não deve morrer", ela pode perecer, como perece uma vida, em tudo o que ela representa enquanto vivência, sentimentos, comportamento individual, interferência no meio social, familiar e afetivo das pessoas que conviveram com ela.

Uma biblioteca infantil desativada torna-se um fantasma imprestável à comunidade. Interrompe-se, neste caso, o encadeamento cíclico dos grupos de freqüentadores no

\* Domingo Gonzalez Cruz é poeta, bibliotecário, e foi coordenador das atividades da Biblioteca Infantil Maria Mazzetti no período de 1981 a 1996.

decorrer de uma década, saindo ou chegando. A prestação de serviços à comunidade fica paralisada. Perde-se a riqueza da individualidade multifacetada em cada criança, que é possibilitada pelo contato com o livro, formando um leitor crítico e responsável por seus atos.

Em nosso país o caso é complexo: as bibliotecas infantis são desativadas por falta de recursos financeiros e humanos. Sejam elas bibliotecas infantis escolares, de 'bairro, ou seções regionais administradas em âmbito municipal ou estadual. Se não temos uma rede nacional de bibliotecas públicas devidamente estruturadas, também não temos experiências isoladas devidamente estimuladas em qualquer ponto do país.

Confesso que desejaria conhecer o sistema de bibliotecas públicas e escolares de Cuba, ou até mesmo o sistema existente na França, que recebe apoio comunitário por iniciativa dos cidadãos, sociedades civis ou empresas e é estimulado pelo governo, que dedica verbas razoáveis ao desenvolvimento do hábito de leitura das crianças e estimula a permanência do mesmo nos adolescentes.

Mas tendo que encarar a realidade brasileira, admito que o estímulo a qualquer iniciativa cultural que possa modificar o quadro de empobrecimento do gosto pela leitura é fundamental. Levando-se em conta a diversificação de circunstâncias das bibliotecas públicas e escolares, é essencial nesse trabalho integrado que exista o intercâmbio de informações, para que a comunidade infantil seja bem atendida pelos acervos disponíveis em cada biblioteca e para que as mesmas não se tornem espaços inativos. Não devemos esquecer que, no sistema capitalista, o usufruto dos bens culturais depende do poder aquisitivo das camadas sociais. Por esta razão o intercâmbio das informações e sua transformação devem ocorrer em áreas carentes, sejam elas urbanas, suburbanas ou rurais. Isso implica a ação direta dos bibliotecários e demais educadores, como agentes geradores da comunicação social perante a comunidade atendida, não só colocando à disposição das crianças e adolescentes o acervo devidamente organizado, mas também acompanhando a evolução dos usuários da biblioteca. Além disso é importante que se considerem dois aspectos finais: o incentivo

ao leitor em formação e à pessoa que se estrutura para ser participante dentro da sociedade em que vive.

Essas reflexões foram motivadas pela experiência profissional que venho desenvolvendo desde que surgiu, em 1979, a Biblioteca Infanto-Juvenil Maria Mazzetti - BIMM, mediante convênio entre a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - FNLIJ e a Fundação Casa de Rui Barbosa - FCRB. No decorrer de oito anos, a BIMM passou por diversas fases, esquematizadas da seguinte forma:

## **de 1979 até 1982**

Corresponde este período à atuação da FNLIJ dentro de FCRB, coordenando as atividades de animação cultural, organizando o acervo com pessoal contratado e estimulando o gosto pela leitura no grupo de crianças. Algumas permaneceram na BIMM e hoje estão com 16 anos de idade mais ou menos. Diversas experiências feitas por Marina Martinez, com relação à hora do conto, e na área de musicalização por Rejane Carvalho de França foram realizadas inicialmente na BIMM.

Laura Sandroni, que estimulou a criação da BIMM, disse recentemente no seminário Criança e Literatura, promovido pela Biblioteca Infantil Manuel Lino Costa, citando um artigo de Geneviève Patte, que os bibliotecários franceses levam cestinhas de livros até as regiões rurais e esperam embaixo de uma árvore a chegada das crianças para emprestar os livros. Essa prática, em minha opinião, quer no campo, quer na cidade, corresponde ao processo cíclico referido anteriormente.

A biblioteca infantil quando surge em nosso país, seja qual for o limite geográfico, é uma "cestinha de livros". E essa "cestinha" será uma biblioteca no instante em que a criança possa escolher cada vez mais o livro desejado, com liberdade de opção, de acordo com a sua idade e opinião crítica a respeito do que leu anteriormente, num acervo bem diversificado (livros, revistas, jornais etc.), com oportunidade de chegar a participar de atividades teatrais, filmes e outras.

## **de 1982 até o momento atual**

A "cesta de livros" transformou-se no organismo cíclico gerador de leitura. A BIMM passou a ser administrada pelo Centro de Documentação da FCRB, chefiado por Jerusa Gonçalves de Araujo, e integrou-se no organograma da FCRB como órgão de pesquisa e de fazer mediante a leitura.

Após cinco anos, ocorreram fatos importantes para a organização do processamento técnico e planejamento das atividades: os bibliotecários atuantes na biblioteca especializada em direito, filologia e história, chefiada por Beatriz A. Salles Coelho, fundamentaram as diretrizes efetuadas atualmente e a FNLIJ passou a assessorar a BIMM mediante solicitações específicas na área de literatura infanto-juvenil ou promovendo eventos como o "Duzentos Anos Grimm".

Quanto aos usuários, podemos identificar dois aspectos marcantes em todos esses anos:

- a) a rede escolar do bairro é carente de bibliotecas, por isso a coleção de obras de referência e informação da BIMM cresceu paralelamente à coleção de literatura infanto-juvenil. Houve um desenvolvimento físico (seção de atendimento, de leitura, de fazer e de pesquisa) o um crescimento qualitativo (refletido no seu acervo de quase 4.000 volumes);
- b) diante dessa evolução podemos especificar os tipos de leitores provindos de microcomunidade do bairro:
  - sócios adaptados e participantes das atividades de animação cultural;
  - sócios não participantes das atividades, mas associados para levar livros de literatura infanto-juvenil emprestados;
  - crianças que não levam livros emprestados, mas aparecem para leituras das obras de referência ou de informação. Após algum tempo tornam-se sócias.
  - crianças não associadas que aparecem para resolver seus trabalhos escolares.

Os profissionais responsáveis pelo planejamento da BIMM prepararam uma pesquisa de campo de comum acordo com o Museu da FCRB, em 1985, para conhecer mais de perto a situação dos hábitos de leitura e pesquisa dos alunos da 4ª série do 1º grau, 3º DEC, Rio de Janeiro. A equipe aplicou questionários (destinados ao professor, ao aluno e ao encarregado pela biblioteca) em quatro escolas particulares e quatro escolas públicas representativas de camadas sociais diferentes do bairro. O levantamento possibilitou à equipe uma visão mais próxima da realidade educacional da região e tomou mais objetiva nossa ação quanto às consultas bibliográficas na seção de pesquisa da BIMM.

Em 1986 avançamos pelo lado mais humano da biblioteca, realizando um evento sobre a adolescência, para atender às solicitações do grupo de freqüentadores da BIMM entre 13 e 17 anos de idade. Teoricamente nosso acervo de literatura infanto-juvenil atinge o limite máximo na faixa de 14 anos de idade. Os adolescentes encontravam-se num dilema, pois os livros que serviram para estimular o gosto pela leitura alguns anos atrás não mais satisfaziam seus anseios. Já queriam atividades próprias para a idade.

Nessa ocasião contávamos com o auxílio do ator Flávio Cactus no atendimento aos usuários. De acordo com as solicitações, elaboramos um Projeto que motivou um livro de redações, que abordava questionamentos comuns a todos. A única exigência de nossa parte era que fossem sinceros, expressando opiniões pessoais sobre os assuntos que escolhessem. O livro motivou a organização de um evento sobre a adolescência, contando com o apoio do Serviço de Psicologia Aplicada da Universidade Santa Úrsula e da Associação dos Moradores de Botafogo, bairro onde se situa a BIMM.

A participação dos adolescentes foi bastante dinâmica. "Amor e sexo na adolescência", "Conflito de gerações", "A comunidade escolar", "A participação política do adolescente" e "Cultura para adolescentes" foram temas escolhidos e discutidos por todos. Os adolescentes que participaram com seus depoimentos reuniram-se conosco na sede da Associação dos Moradores de Botafogo para questionar os temas que seriam debatidos

na FCRB. O primeiro debate, sobre amor e sexo na adolescência, foi realizado na Escola de Teatro Tablado, dirigida por Maria Clara Machado. Na ocasião a profª Maria Clara Mourthé apresentava a montagem da peça “O despertar da primavera”, de Frank Wedekind. O tema principal do texto aborda os conflitos dessa fase do desenvolvimento humano. O elenco era formado por adolescentes entre 15e 17 anos de idade.

Esse evento dissipou na cabeça dos adolescentes, pais e demais participantes uma série de dúvidas. E a BIMM, por sua vez, transformou a informação, levando aos usuários os temas que nem sempre são abordados no meio educacional com o devido afastamento de tabus e preconceitos.

Como saldo da experiência, vale acrescentar que o fato de os adolescentes se sentirem motivados a buscar externamente recursos para se aprofundar nos temas levou-nos a ampliar nosso acervo, incorporando a ele a literatura que lhes serviu de base. Os livros adquiridos são procurados atualmente por pais e adolescentes que não participaram do evento, mas encontram as informações sobre os assuntos abordados naquela ocasião.

Todas as semanas a BIMM oferece aos diversos grupos de freqüentadores atividades de expressão plástica, dramática, escrita e a hora do conto para estimular o gosto pela leitura. As terças-feiras (parte da manhã) e as quintas-feiras (parte da tarde) estão reservadas para as atividades com as crianças das escolas do bairro ou da favela do morro Dona Marta.

A divulgação de BIMM ocorre por intermédio do Barbosinha, jornal de periodicidade irregular e caráter informativo, com brincadeiras, entrevistas e histórias.

A "cestinha de livros" semeada em 1979 desenvolve-se não como um depósito de livros amontoados por trás de um balcão cinzento, em que a criança não tem livre acesso às estantes, mas como uma caixa de ressonância, onde a criança de cinco ou dez anos e o adolescente de 13 ou 17 transmitem suas vivências e adquirem um convívio gradativo com o livro e a criatividade de cada um.